



ISSN nº 2595-7341

Vol. 2, n. 3, Setembro-Dezembro, 2019

DECOLONIZANDO NOSSAS ÁREAS VERDES: uma proposta de transformação do espaço educativo pela inclusão etnoecológica de plantas das culturas indígenas e quilombolas

DECOLONIZING OUR GREEN AREAS: a proposal to transform the educational space through the ethno-ecological inclusion of plants from indigenous and quilombola cultures

DESCOLONIZANDO NUESTRAS ÁREAS VERDES: una propuesta para transformar el espacio educativo a través de la inclusión etnoecológica de plantas de culturas indígenas y quilombolas

Marília Põkwýj Ribeiro de Sousa Khahô¹

Wathila Carvalho Xavier²

Thelma Mendes Pontes³

Gabriel Vargas Zanatta⁴

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de demonstrar as transformações atuais que foram e podem ser geradas dentro da universidade em relação ao pensamento colonizador e confrontar através de uma nova pedagogia decolonial fundamentada nos saberes

¹ Universidade Federal do Tocantins (UFT), Curso de Engenharia Florestal. lylynha88@hotmail.com.

² Estudante quilombola de Agronomia, Universidade Federal do Tocantins (UFT) Gurupi, TO, wathilacarvalho123@gmail.com

³ Professora do Curso de Agronomia, Universidade Federal do Tocantins (UFT) Gurupi, TO, thelmampontes@uft.edu.br

⁴ Professor do Curso de Engenharia Florestal, Universidade Federal do Tocantins (UFT) Gurupi, TO, zanatta@uft.edu.br



ISSN nº 2595-7341

Vol. 2, n. 3, Setembro-Dezembro, 2019

Indígenas e Quilombolas, seus efeitos diante de um projeto de extensão e cultura na UFT/Campus de Gurupi o qual traz a oportunidade desses alunos reviver sua cultura no espaço acadêmico. O projeto intitulado “Decolonizando Nossas Áreas Verdes” teve início no segundo semestre de 2017 com a finalidade de criar um espaço mais acolhedor e com mais representatividade dentro do campus universitário. Propõe transformar o espaço educativo pela inclusão etnoecológica de plantas das culturas Indígenas e Quilombolas e dar mais visibilidade a esses povos oriundos de comunidades locais e regionais.

PALAVRAS-CHAVE: Etnoecologia. Ações Afirmativas. Extensão Universitário. Cultura indígena. Pedagogia decolonial.

ABSTRACT

This work aims to demonstrate the current transformations that were and can be generated within the university in relation to colonizing thinking and to confront, through a new decolonial pedagogy based on Indigenous and Quilombola knowledge, its effects before an extension and culture project in UFT / Campus de Gurupi which brings the opportunity of these students to relive their culture in the academic space. The project entitled “Decolonizing Our Green Areas” started in the second half of 2017 with the purpose of creating a more welcoming and more representative space within the university campus. It proposes to transform the educational space by the ethno-ecological inclusion of plants from Indigenous and Quilombola cultures and to give more visibility to these peoples from local and regional communities.

KEYWORDS: Ethnoecology. Affirmative Actions. University Extension. Indigenous culture. Decolonial pedagogy.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo demostrar las transformaciones actuales que se generaron y pueden generarse dentro de la universidad en relación con el



ISSN nº 2595-7341

Vol. 2, n. 3, Setembro-Dezembro, 2019

pensamiento colonizador y confrontar, a través de una nueva pedagogía descolonial basada en el conocimiento indígena y quilombola, sus efectos antes de un proyecto de extensión y cultura en UFT / Campus de Gurupi que brinda la oportunidad de estos estudiantes de revivir su cultura en el espacio académico. El proyecto titulado "Descolonizar nuestras áreas verdes" comenzó en la segunda mitad de 2017 con el propósito de crear un espacio más acogedor y representativo dentro del campus universitario. Propone transformar el espacio educativo mediante la inclusión etnoecológica de plantas de culturas indígenas y quilombolas y dar mayor visibilidad a estos pueblos de las comunidades locales y regionales.

PALABRAS CLAVE: Etnoecología. Acciones afirmativas. Extensión Universitaria. Cultura indígena Pedagogía descolonial.

Recebido em: 13.05.2018. Aceito em: 18.07.2019. Publicado em: 01.09.2019.



ISSN nº 2595-7341

Vol. 2, n. 3, Setembro-Dezembro, 2019

1 INTRODUÇÃO

Pensar o meio acadêmico através da interculturalidade crítica é resistir, político e culturalmente por um espaço e ou mundo plural. É sobressair das amarras do eurocentrismo e, ao mesmo tempo, dissolver as bases fundamentais dentro do que se entende por processo de decolonialidade: uma proposta de diálogo interepistêmico.

Com os objetivos de aumentar o sentimento de representação, trazer aspectos culturais e proporcionar acolhimento aos estudantes indígenas que buscamos fazer uma transformação na educação do ensino superior, tanto na demanda cultural de decolonização das ações, intervenções e tradições pedagógicas e consequentemente de ocupação das áreas verdes do Campus a partir do conhecimento tradicional dos povos indígenas sobre as plantas e o seu cultivo de forma tradicional, nas áreas verdes da Universidade Federal do Tocantins - Câmpus de Gurupi – TO. A iniciativa de criar um projeto de extensão para refletir sobre as questões de visibilidade e representação cultural no dia a dia da comunidade acadêmica do Câmpus, teve início no ano de 2017, sob iniciativa dos representantes estudantis dos Grupos de Trabalho GTI e GTQ: Grupo de trabalho indígena e Grupo de trabalho quilombola, que relataram um choque cultural vivido na chegada ao campus. Visando todo esse contexto foi necessário o conhecimento tradicional dos povos indígenas e quilombolas sobre as plantas e seu cultivo de forma materializada, decolonizar seria promover uma revolução no pensamento alienado das pessoas, em relação a cultura indígena no espaço físico da universidade o projeto teve por finalidade trabalhar não só o público indígena e quilombola, mas os demais acadêmicos do campus da UFT em Gurupi. Em função



ISSN nº 2595-7341

Vol. 2, n. 3, Setembro-Dezembro, 2019

da necessidade de rever posturas e desenvolver processos de aprendizagem inovadoras, favoráveis a uma práxis orientada para o desenvolvimento da cidadania e participação ativas, foram realizadas oficinas semanais ao longo do ano com a intencionalidade de construir saberes coletivos, na formação e na sua integração aos valores culturais, com a transformação no processo educacional da formação profissional, construindo saberes e competências com reflexão (FOERSTE, 2005; SOBREIRA et al., 2013).

A partir das experiências acadêmicas e culturais dos estudantes participantes dos referidos grupos de trabalho se desenhou coletivamente o projeto *"Decolonizando nossas áreas verdes - Uma proposta de transformação do espaço educativo pela inclusão etnoecológica de plantas das culturas indígenas e quilombola"*.

Em função da natureza dos cursos no Campus, que são Engenharia Florestal, Agronomia, Engenharia de Biotecnologia e Bioprocessos e Bacharelado em Química Ambiental, o enfoque do projeto se definiu no âmbito da relação profunda que as culturas desses estudantes têm com as plantas e os ambientes em que estas ocorrem. Um elemento muito importante na construção da proposta e na execução das atividades é a noção de identidade e importância do protagonismo de cada grupo nos processos de afirmação cultural. Nesse contexto, as lideranças estudantis desempenham um papel crucial na mobilização e promoção da participação efetiva dos estudantes. Lideranças jovens, tanto indígenas como quilombolas, com uma visão de luta e de reafirmação cultural trazem para o espaço acadêmico um componente político e social que na maioria dos cursos é rechaçado. O reflexo dessas posturas afirmativas na participação dos estudantes é visível e positivo. As discussões levantadas em temáticas horizontais do projeto desde a identidade,



ISSN nº 2595-7341

Vol. 2, n. 3, Setembro-Dezembro, 2019

representação e afirmação cultural surte efeitos relevantes na abordagem das temáticas dentro dos núcleos de estudos referente às plantas e práticas culturais, bem como a importância destas para a perpetuação das culturas. Proporcionando uma reflexão sobre que universidade queremos e para que a queremos? Amparando-se no quesito cultural e acadêmico, já que assim se têm os dois conjuntos de conhecimentos (científico e tradicional) interagindo no contexto do projeto. A universidade se torna a segunda casa de um estudante e sendo assim, é natural querer sentir-se bem no espaço físico que ela oferece. Hoje as universidades contam com ações afirmativas para ingressos de indígenas e quilombolas, mas mesmo com estas ações, há um despreparo para acolhida destes estudantes indígenas em muitos aspectos, o projeto ampara esses alunos tanto no quesito cultural quanto acadêmico. Promover vivências práticas de agroecologia a conhecimentos tradicionais é uma estratégia de empoderamento.

2 METODOLOGIA

No projeto estão envolvidos 20 estudantes indígenas e 40 estudantes quilombolas¹, trabalhamos democraticamente todos tiveram a mesma visibilidade e importância pois sabemos que cada povo tem seus conhecimentos e suas particularidades, a iniciativa, desde o planejamento, o manejo agroecológico em atividade coletiva interdisciplinar, pretende possibilitar aos estudantes enxergarem-se como autores de uma ferramenta pedagógica de promoção da cultura e interagir com o produto da ação, a funcionalidade do projeto seguiu alguns passos, começou pelo o levantamento bibliográfico, revisão da legislação e literatura aplicada a temática do projeto, oficina de integração dos conhecimentos tradicionais de cada grupo étnico e esclarecimento da metodologia do projeto, oficinas de qualidade



ISSN nº 2595-7341

Vol. 2, n. 3, Setembro-Dezembro, 2019

de terra e conhecimento tradicional associado aos conceitos de fertilidade e produtividade vegetal, coleta de material orgânico domiciliar como resto de comidas, cinzas, esterco bovino, pau-pubo, carvão, para o preparo do substrato, e coleta de outros materiais orgânicos para os canteiros como cobertura vegetal morta e bambus para construção dos canteiros, coleta de recipientes recicláveis para construção de vasos, plantio das mudas e sementes, o grupo de participantes esteve presente em oficinas conjuntas do projeto na Horta Agroecológica e Agrofloresta, construiu coletivamente práticas em propagação e manutenção de plantas sob a ótica agroecológica, construção da casa de vegetação, cerca, demarcação da trilha ecológica, catalogação da trilha e árvores do cerrado, o projeto funciona seguindo uma lista de atividades do dia a dia, onde os membros do projeto intercalam seus horários com atividades diferentes. Acreditando na própria contextualização histórica dentro do universo dos estudos pós-coloniais, que este trabalho tem como objetivo, se opor e propor caminhos de ruptura do pensamento eurocêntrico e, de superação dessas amarras da afirmação do conhecimento ocidental e do poder hegemônico, como único possível. Mais do que isto, busca desse modo, um processo de decolonialidade de ser e de viver.

3 RESULTADOS FINAIS

O conhecimento tradicional dos povos indígenas sobre as plantas e o seu cultivo de forma ecológica, nas áreas verdes do UFT/Campus de Gurupi – TO proporcionou como resultado diversas oficinas, círculo de diálogos, grupos de estudos e reflexões acompanhado de demais atores da comunidade local. O compartilhamento de vivências, práticas e saberes sobre o uso das plantas, bem



ISSN nº 2595-7341

Vol. 2, n. 3, Setembro-Dezembro, 2019

como seus aspectos produtivos sem degradar o ambiente local, estabeleceu dentro do Campus como resultado: Uma floresta e horta agroecológica indígena; trilha interpretativa com espécies raras e importantes da região; estratégias de conservação do material vegetal e saber associado no espaço universitário; além da criação de práticas de ensino sobre os saberes indígenas, a vivência de práticas de agroecologia e os conhecimentos tradicionais indígenas têm valorizado no processo de reconhecimento e reafirmação da promoção social e etnocultural. O projeto fez-se o empoderamento aos estudantes indígenas e quilombolas no processo de resgate e valorização das plantas atreladas à cultura, promoveu a socialização dos estudantes no contexto étnico-cultural, permitindo aos estudantes vivenciar as práticas de produção tradicionais e agroecológicas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de decolonização promovido pelo projeto encontra ressonância nas falas e ações dos diversos participantes e atores sociais envolvidos nas atividades. Apesar dos objetivos materiais de estabelecimento de plantas e espaços educativos materializados o projeto encontra muito sucesso na promoção da decolonização do discurso e na construção da narrativa de afirmação cultural pelos próprios povos tradicionais que compõe a comunidade acadêmica. Mas, ainda que não vingue um pé de jenipapo que plantemos, é importante reconhecer que o fato de estarmos discutindo e afirmando politicamente essa nossa vontade de uma universidade diferente já é uma grande vitória.



ISSN nº 2595-7341

Vol. 2, n. 3, Setembro-Dezembro, 2019

REFERÊNCIAS

FOERSTE, E. *Parceria na formação de professores*. S. Paulo: Cortez, 2005.

SOBREIRA, GC et al. Reflexões sobre a ecologia dos saberes na prática educacional: A arte como possibilidade de emancipação. *SCIAS-Arte/Educação*, v. 1, n. 1, 2013.